

# SELEÇÕES EM FOLHA

mfmnenendez@superig.com.br

Ano X, Nº 05 – 2006, MAIO

Assinatura até Dezembro de 2006: 07 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Mucho, señora, daría  
por tender sobre tu espalda  
tu cabellera bravía  
tu cabellera de gualda:  
despacio la tendería,  
callado la besaría.  
Por sobre la oreja fina  
baja lujoso el cabello,  
Lo mismo que una cortina

que se levanta hacia el cuello.  
La oreja es obra divina  
de porcelana de China.  
Mucho, señora, te diera  
por desenredar el nudo  
de tu roja cabellera  
sobre tu cuello desnudo:  
muy despacio la esparciera,  
hilo por hilo la abriera.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XLIII.  
José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Acoglie o afeto que se expõe agudo  
e que, também, fidelidade jura.  
Faz da perseverança, seu escudo;  
em teu olhar sutil, manhãs madura.  
O sentimento que ora surge, mudo,  
misto de sol-e-sal, nuvem, ternura,  
- rio que flui, de hidromel - contudo,  
vem tímido e discreto se afigura.  
Permite que este amor floresça inteiro,  
puro, redondo, sem arestas, cheio;  
o timbre persistente, companheiro.  
E com seu canto-pranto te enteneça,  
te envolva, te convença. E nesse enleio,  
leal a ti, constante, permaneça.

Walma da Costa Barros, Apelo, em Mosaico,  
Coletânea 1997: Rua do Imperador 06, Slj. 13,  
Centro, CEP 25620-000 - Petrópolis, RJ

Ser mulher é sentir na dor felicidade,  
é ver no amor, da vida o único argumento,  
é ter o coração sempre aberto à bondade,  
é limite não pôr ao seu desprendimento.  
Ser mulher é sofrer, paciente, a adversidade,  
é transformar em glória o próprio sofrimento,  
é sentir na ternura infinita que a invade,  
do amor toda a ventura e todo o encantamento.  
A mulher, bem mulher, primeiro é a desejada,  
a possuída depois... E um dia a abandonada,  
pelo homem, pelo filho... E, forte em seu amor,  
todas as situações aceita integralmente,  
e, mártir ou heroína, é mulher simplesmente,  
nos apoegues do gozo e da suprema dor!

Colombina (1882-1963), Ser Mulher, em Fanal 9511:  
Rua Álvares Machado 22, 1º,  
01501-030 - São Paulo, SP

Embalado no teu colo aconchegante,  
quão feliz foi a minha breve infância!  
O amor e o carinho que me deste,  
não se olvidam no tempo e na distância.  
Trago nas mãos, o M do teu nome,  
quer dizer Mãe, este M tão perfeito!  
Com certeza, na minha mão gravado,  
a tua imagem eu guardo no meu peito!  
Ensinaste-me a ter um nome honrado,  
infundiste-me amor, caridade,  
e tudo que leva um homem a ser lembrado!  
Guardo um enlevo que sempre senti,  
e na saudade que teu nome infunde,  
minha Mãe, neste teu Dia, penso em ti!

Mário Pires, Dia das Mães, em Il Coletânea Komedii  
1998, Rua Álvares Machado 460, Sala 32: 13013-070 -  
Campinas, SP; gentileza de Marli José Rodrigues de Sá

Se em vez do bem que fizeste  
todo o mal me houvesse dado,  
pela filha que me deste  
estarias perdoado.  
Aley Ribeiro Souto Maior ♪,  
0604 Trovaregre, CP 181,  
CEP 37550-000 - Pouso Alegre, SP

Deves pedir, sem trapaças,  
fazendo a todos felizes,  
perdão por tudo o que faças  
contrário a tudo o que dizes!  
Cyriléa Neves, 0603  
Quatro Versos, Rua Santa Marta 70,  
CEP 28633-080 - Nova Friburgo, RJ

A laranja é fruta fraca  
bem mais fraca que a canja,  
mas em dias de ressaca,  
até Deus chupa laranja.  
Emílio de Menezes,  
0603 O Ubeteano,  
e-mail: ubt.niltonmanuel@ig.com.br

Mãe! Vejo na singeleza  
do teu nome tão profundo,  
o brilho, toda a riqueza,  
dos tesouros deste mundo!  
Helena Lima,  
0605 O Patusco, Caixa Postal 95,  
CEP 61600-000 - Caucaia, CE

Radiografei o teu busto  
para ver teu coração...  
E quase morri de susto:  
tinha a forma de um cifrão!  
Paulo Edison Macedo, 0604 Trovia,  
Rua Arthur Thomas 259, Apto. 702,  
CEP 87013-250 - Maringá, PR

No reino da improbidade,  
onde a torpeza campeia,  
dói-me, ver, em liberdade,  
quem deve, estar na cadeia...  
Pedro Grilo,  
0505 O Pitiguari, Rua Guanabara 542,  
CEP 59014-180 - Natal, RN

## TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

Por traz do edifício, furando a brecha da nuvem, a lua brilhante. Alberto Murata	A lua de outono espalhando luz prateada sobre arranha-céus... Analice Feitoza de Lima	Ao lado do templo surge no céu azul a lua de abril. Benedita Azevedo	Lua branca buzinas insistentes outono na Liberdade. Bruno Mitit	Estrelas e janelas, só uma acesa. - Lua desta noite. Carol Ribeiro	Homens sentados no estacionamento de pedra contemplam a lua. Larissa Lacerda Menendez	Plena de luz primeira lua de outono por entre os prédios. Setsuko Kobashi
---	--	---	--	---	--	--

Contemplação da Lua 2006 (12.04.06), Templo Bushinji: Rua São Joaquim 285, Cidade de São Paulo - <http://www.kakinet.com/lu/>

Gente no portão, e o pamonheiro passando pára, bem contente. Alba Christina	O menino assusta o pássaro que se esconde num pé de poncã. Analice Feitoza de Lima	Tucano pousado produz seu canto bem alto: chama a companheira. Djalda Winter Santos	A trilha sumiu, toque de densa fumaça. Cerração chegou. Fernando Vasconcelos	Salvador. Foguetes. O baiano comemora. Dia da Abolição. João Batista Serra	No vaso de barro - flores-de-maio incontáveis vicejam nos ramos. Maria Reginato Labruciano	Dia ensolarado. Fluxo e refluxo do mar. Céu azul profundo. Roberto Resende Vilela
--	---	--	---	---	---	--

## HAICUS E M FOLHA

Mexendo a panela, vovó torra amendoim, cozinha repleta. J Ailson Cardoso de Oliveira	Colhendo quiabos, agricultores felizes, transbordam balaio. R Ailson Cardoso de Oliveira	Pela névoa densa uma procissão de carros vai subindo a serra. A Alba Christina	Pelo bairro antigo o vendedor de amendoim com cesta na mão. J Alba Christina	Na manhã de inverno a névoa densa se espalha cortando a visão. R Alba Christina	Brilha o sol, na serra. Névoa densa esconde o lago, ao amanhecer... W Amália Marie Gerda	Panela no fogo vovó com colher de pau. Amendoim. J Amauri do Amaral Campos
Névoa densa. Desliza sobre o vale, como um rio. J Amauri do Amaral Campos	Na praça enfeitada saquinhos de amendoim atraem crianças. G Angélica Villela Santos	Chegou o inverno. Névoa densa tudo cobre. Só vultos nas ruas. J Angélica Villela Santos	O chão estala aos pés do banco da praça casca de amendoim. E Carlos Roque B. de Jesus	Quiabo com frango, perfumando a casa inteira. Visita atrasada. J Darly O. Barros	Comboio na serra. Névoa densa no Planalto. Não se enxerga um palmo. R Darly O. Barros	Na terra escura arranco os amendoins bem amarelos. W Denise Cataldi
Em cima da mesa bandeja de amendoins; - ágéis mãozinhas... W Denise Cataldi	O veleiro pára, névoa densa pela frente: perigo velado. B Djalda Winter Santos	Almoço na mesa, menino torce o nariz: - Quiabo outra vez? W Djalda Winter Santos	Cascas de amendoim sujam a arquibancada. Jogo empatado. R Edmilson Felipe	Amendoim torrado, cerveja gelada. Conversa fiada. W Edmilson Felipe	O raio de sol despe o véu de névoa densa, dos ombros da rosa. B Elen de Novais Felix	Vai o amendoim fugindo da terra fofa. Esquilos em cena. J Fernando Vasconcelos
Após a passagem de uma extensa névoa densa, o esplendor do sol. G Flávio Ferreira da Silva	Surgindo e sumindo gente, repentinamente. Rua em névoa densa. W Manoel F. Menendez	Menino comendo, fazendo caretas mil. Quiabo no prato. R Mª Marlene N. Teixeira Pinto	Névoa densa impede o trânsito em alto mar. Pescador parado. J Nadyr Leme Ganzert	Manhã de domingo: a névoa densa encobrindo as flores do campo. B Renata Paccola	No fogão à lenha, quiabo bem picadinho: cozinha mineira. E Renata Paccola	No bar, os amigos tomando chope animados. Amendoim grátis. G Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

### SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.05.06, quigos à escolha: Névoa de inverno, Poluição, Pulôver.

Remeter até 30.06.06, quigos à escolha: Chuva-de-caju, Dia do Barbeiro, Rio de primavera.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP  
ou  
mfmnenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos - palavras da natureza, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**T R E V O S   À   M O D A   O C I D E N T A L E   T R E V O S   P E R S O N A G E M**

A flor-de-maio, tardes... noites... doçura... cair da noite. Agostinho José de Souza	Cozinha esperta, sardínhas gostosas, fritas, em cinco minutos. Alba Christina	Hum!... banana frita em óleo de girassol. Que cheiro gostoso!... Albertina Canedo G. dos Santos	Estrelas cadentes trocam suas confidências, com imortais saltos... Amélia Marie Gerda	Cachoeira de lágrimas lavam foto da mãe morta, no Dia das Mães. Analice Feitoza de Lima	Grilhões são partidos no Dia da Abolição. Princesa Isabel. Angélica Villela Santos	Para festejar, só mesmo suor e luta. Dia do Trabalho. Cecy Tupinambá Ulhôa
Recém espemida vitamina C na jarra: laranja-lima. Darly O. Barros	As estrelas chamam e os vaga-lumes respondem, namoro ao sereno... Diego Brito Sousa	Hospital repleto: é Dia da Cruz Vermelha. Doentes são gratos. Djalda Winter Santos	Caixas enrugadas ocultam pedrinhas brancas... Pinhas pelo chão. Elen Novais Felix	Periquito ao lado se agita em clima outonoço, solteiro... ó coitado! Fernando L. A. Soares	Estrela cadente, fosforescência celeste. Um astro andarilho. Fernando Vasconcelos	Uma vez por ano aparece a flor-de-maio. Natureza viva. Flávio Ferreira da Silva
Dia das Mães, festa! A data sensacional. Para quem as tem! Haroldo R. Castro	Hospital em festa. É Dia da Enfermeira. Nossos parabéns!... Helvécio Durso	O cravo nasceu, escondido, no jardim, desejando a rosa... Hermoclydes S. Franco	Na rua onde passo, só folhas amareladas... Inverno que chega! Humberto Del Maestro	– Dá o pé, meu louro! O louro não deu o pé, antes deu o bico!... João Batista Serra	Linda flor-de-maio eu plantei no meu quintal muito floresceu. Jorge Picanço Siqueira	Poncã na grandeza tem seu ar de flamboiã enchendo a bacia. José Walter da Fonseca
A crista de galo estava num corpo verde no belo jardim. Leda Mendes Jorge	– Pa-mo-nha!! Pa-mo-nha!! Guri exausto, senta e come pamonha... até a ultima! Leonilda Hilgenberg Justus	Estrela cadente... Peço a Deus que eu possa ver tantas outras mil... Luís Koshitiro Tokutake	Todo dia é dia das mães. Pra que não esqueçamos: Dia das Mães! Marcelino R. de Pontes	Brilha nebulosa, majestosa Via-láctea, embeleza o céu. Maria App. Picanço Goulart	No galho despido, uma folha amarelada... – Resquícios de outono... Maria Madalena Ferreira	Um cacho de uvas pendente da parreira. Obra Divina! Nadyr Leme Ganzert

**A J A N E L A V E D A D A**

Ambrose Gwinnet Bierce 1842-1914, tradução de Nelson Ascher, em Contos de Horror do Século XIX escolhidos por Alberto Manguel, 2005.  
Editora Schwarcz Ltda., www.companhiasdasletras.com.br, fax (0 11) 3707-3501 – gentileza de Edmilson Felipe da Silva

Em 1830, a poucas milhas do que é agora a grande cidade de Cincinnati, estendia-se uma imensa floresta quase inviolada. A região inteira era esparsamente habitada por gente da fronteira – almas inquietas que, tão logo houvesse extraído daquele ermo lares decentemente habitáveis e alcançado o grau de prosperidade que hoje em dia chamaríamos de penúria, abandonavam tudo, impelidos por algum impulso misterioso de sua natureza, e se lançavam adiante, rumo ao oeste, para enfrentar novos perigos e privações, sequiosos que estavam de recuperar o parco bem-estar do qual haviam voluntariamente abdicado. Muitos destes já haviam trocado a região pelos povoados mais distantes, mas, entre os que ficaram, encontrava-se alguém que fora dos primeiros a chegar. Ele vivia sozinho numa habitação de madeira cercada de todos os lados pela vasta floresta a cuja escuridão e silêncio ele próprio parecia pertencer, pois ninguém jamais o vira sorrir nem o ouvira dizer uma palavra supérflua. Suas escassas necessidades eram supridas, na aldeia ribeirinha, pela venda ou troca de peles de animais selvagens, uma vez que ele nada plantava na terra que, se preciso, poderia reivindicar por usucapião. Havia sinais de “melhoramentos” – alguns acres ao redor da casa tinham sido desmatados e os restos apodrecidos das árvores se erguiam semi-ocultos pela vegetação recente à qual se permitira remendar o que o machado devastara. Aparentemente, seu entusiasmo pela agricultura se consumira numa chama tibia antes de apagar-se em cinzas lúgubres.

O casebre de madeira, com sua chaminé primitiva, seu telhado de ripas arqueadas dispostas sobre vigas cruzadas e calafetadas com barro, tinha uma única porta ao lado oposto ao da janela. Esta, contudo, estava vedada com tábuas e ninguém recordava quando é que não fora assim. Ninguém tampouco sabia o porquê da vedação. Decerto não era porque o ocupante sofresse de aversão à luz ou ao ar, já que, nas raras ocasiões em que um caçador cruzara aquele lugar solitário, o recluso, caso os céus lhe houvessem propiciado um bom tempo, fora freqüentemente visto a tomar sol diante da casa. Creio que há poucas pessoas ainda vivas que saibam o segredo da janela, mas, como vocês verão, eu sou uma delas. Diziam que ele se chamava Murlock. Embora aparentasse setenta, tinha cerca de cinqüenta anos. Outra coisa, além dos anos, contribuiu para seu envelhecimento. Seu cabelo e a longa barba cerrada eram grisalhos, tinha olhos castanhos, embaçados, fundos e um rosto singularmente sulcado de rugas que pareciam pertencer a dois conjuntos entrecruzados. Seu porte era alto e magro, com os ombros encurvados de quem carrega peso. Eu mesmo nunca o vi, e fui informado desses pormenores por meu avô, que foi quem, na minha infância, contou-me a história de Murlock. Ele o conhecera quando, naqueles dias remotos, vivia em sua vizinhança.

Um dia Murlock foi achado morto em sua cabana. Como aquela não era uma época de legistas e jornais, concordou-se, suponho, que ele morrerá de causas naturais, pois, caso contrário, teriam me dito e eu me lembraria. Tudo o que sei é que, talvez com um sentido do que era apropriado, o corpo foi enterrado perto da cabana, junto à sepultura de sua mulher, que, por ter morrido tantos anos antes, mal deixara na memória local um traço que fosse de sua existência. Isso encerra o capítulo final desta história verdadeira, exceto, aliás pelo fato de que anos e anos mais tarde, acompanhado de um espírito igualmente intrépido, aventurei-me

no recanto e me aproximei da cabana o bastante para atirar nela uma pedra e sair correndo do fantasma que, como todo garoto bem informado sabia, assombrava o lugar. Há, porém, um capítulo anterior – aquele com que meu avô me presenteara.

Quando Murlock construiu sua cabana e se dedicou vigorosamente ao desmatamento com o intuito de lavar uma roça, vivendo entremetres de seu rifle, era jovem, robusto e confiante. No país a leste do qual viera ele se casara, como era costume, com uma jovem que, em tudo merecedora de sua afeição sincera, compartilhava, de boa vontade e sem remorsos, os perigos e privações de seu destino. Não há, que se saiba, registro de seu nome. Sobre seus encantos espirituais e pessoais, tampouco há lembrança, e quem tiver dúvidas, que as tenha. Mas Deus me livre de endossa-las! Não faltaram, em cada dia vivido pelo viúvo, provas de sua felicidade e afeto mútuo; pois o que, senão o magnetismo de bênçãos relembradas, poderia ter acorrentado aquele espírito arrojado a tal sina? Certo dia, voltando de uma parte remota da floresta aonde fora caçar, Murlock encontrou a mulher alquebrada, febril e delirando. Não havia médico num raio de muitos quilômetros, nem vizinho algum. Tampouco ela estava em condições de ser deixada a sós enquanto ele buscava auxílio. Ele tentou cuidar dela, esperando que se recuperasse, mas, ao final do terceiro dia, a mulher perdeu a consciência e, sem jamais, ao que parece, tê-la recuperado, faleceu.

Pelo que sabemos de temperamentos como o dele, podemos imaginar alguns dos detalhes do quadro cujos contornos meu avô delineara. Uma vez convencido da morte dela, Murlock manteve a lucidez necessária para se lembrar de que os mortos devem ser preparados para o enterro. Cumprindo esse dever sagrado, cometeu erros de quando em quando, fez algumas coisas incorretamente e repetiu outras várias vezes até acertar. Sua incapacidade aqui e ali de executar uma ação comum o deixava atônito como alguém que, embriagado, não entende a suspensão de leis da natureza conhecidas. Que não chorasse, surpreendia-o e também meio que o envergonhava: decerto era insensível não chorar pelo mortos. “Amanhã”, disse em voz alta, feito o caixão e cavado a sepultura; então sentirei falta dela, quando não puder mais vê-la; mas agora – ela está morta, é claro, mas está tudo bem – deve estar tudo bem, de algum modo. Nada á tão ruim quanto parece.”

De frente para o cadáver, à medida que escurecia, ele lhe arrumou o cabelo e deu os retoques finais a seu vestuário singelo. Fez tudo mecanicamente, com uma atenção despida de sentimentos. E, no entanto, uma sensação subjacente de certeza – de que tudo estava bem, de que ela voltaria para ficar com ele como antes e as coisas se esclareceriam – perpassava-lhe a mente. Sem experiência prévia de dor, sua capacidade de senti-la não fora exercitada pelo uso. Seu coração era incapaz de abarcá-la por inteiro e sua imaginação, de imaginá-la. Ele ignorava a dureza do golpe que sofrera. Tal conhecimento viria depois e nunca mais o deixaria. A dor é uma artista cujos poderes são tão diversos quanto os instrumentos nos quais toca seus lamentos para os mortos, despertando em alguns as notas mais agudas e penetrantes e em outros os acordes baixos e graves que palpitam repetidamente como as cadências lentas de um tambor distante. Alguns temperamentos, ela alarma; outros, entorpece. Há quem ela atinja feito uma flecha, excitando-lhe as suscetibilidades para uma vida

mais ativa; há quem ela abata como uma clava que, num golpe, paralisa a vítima. Murlock foi provavelmente afetado desta última maneira, pois (e isto é mais que mera conjectura), assim que terminou suas piedosas tarefas, afundou na cadeira junto à mesa sobre a qual jazia o corpo e, observando quão branco o perfil se mostrava contra as trevas cada vez mais espessas, depôs os braços na borda da mesa e, sem lágrimas mas indizivelmente exausto, deixou cair neles seu rosto. Naquele preciso instante, um gemido prolongado, semelhante ao grito de uma criança perdida no fundo da floresta que escurecia, entrou pela janela aberta. Ele, porém, não se mexeu. Ainda mais próximo, o grito sobrenatural souo de novo enquanto ele desacordava. Talvez fosse uma fera, talvez um sonho. Pois Murlock adormecera.

Algumas horas mais tarde, ou assim lhe pareceu depois, a sentinela irresponsável acordou e, erguendo a cabeça deitada nos braços, ouviu atentamente – sem saber por quê. Lá, no breu escuro junto à morta, recordando tudo sem sobressalto, ele se esforçou para ver não sabia o quê. Todos os seus sentidos em estado de alerta e a respiração suspensa, seu sangue, como que colaborando com o silêncio, parara de correr. Quem ou o que o acordara, e onde é que estava?

Súbito a mesa foi sacudida debaixo de seus braços e no mesmo instante ele escutou, ou julgou escutar, um passo leve, suave, e mais outro – sons de pés descalços pisando o chão!

Aterrizado demais para gritar ou se mover, viu-se obrigado a aguardar – aguardar ali no escuro durante o que lhe pareceu serem séculos do maior pavor que se pode experimentar e ainda viver para contar. Ele tentou em vão pronunciar o nome da morta, tentou em vão estender a mão sobre a mesa para verificar se ela estava ali. Sua garganta estagnou, seus braços e mãos pesavam como chumbo. Foi então que ocorreu algo assustador. Um corpo pesado parecia ter sido arremessado contra a mesa com tamanho ímpeto que esta foi empurrada contra seu peito tão bruscamente a ponto de quase derruba-lo. Ao mesmo tempo, ouviu e sentiu algo cair no chão com um baque cujo impacto violento fez a casa inteira estremecer. Seguiram-se um embate e um tumulto barulhento impossíveis de descrever. Murlock se ergueu. O excesso de medo o privara do controle de suas faculdades. Ele lançou as mãos sobre a mesa. Não havia nada lá! Há um ponto no qual o pavor se converte em loucura e a loucura instiga a ação. Sem intenção clara ou motivo, salvo o impulso caprichoso de um louco, Murlock alcançou com um salto a parede e, após tateá-la brevemente, pegou seu rifle carregado e, sem fazer mira, disparou. Graças ao clarão que iluminou vividamente a sala ele viu uma pantera imensa arrastando a morta rumo à janela, seus dentes cravados no pescoço dela! O que veio em seguida foi uma escuridão ainda mais negra e o silêncio. Quando ele recobrou os sentidos, o sol estava alto e a floresta melodiosa com o canto dos pássaros.

O corpo jazia perto da janela onde, espantada pelo clarão e pelo estampido do rifle, a fera o deixara. A roupa estava desarrumada; a longa cabeleira, revoltada; os membros, contorcidos ao léu. Do pescoço horrendamente dilacerado jorrava uma poça de sangue ainda não de todo coagulado. A fita com a qual ele lhe atara os pulsos se romperá. As mãos estavam firmemente crispadas. Havia entre os dentes um pedaço da orelha do animal.

<p>So um tiquinho de sorte evitaría este tantão de morte, neste tantinho de vida. Quase Nada</p> <p>Fernando Sylvio R. de Vasconcelos, de Espiando a Vida (livro por publicar) e outros: Rua São Joséfat 389, CEP 84053-310 – Ponta Grossa PR</p>	<p>O hoje só prepara o amanhã para ser agora.</p> <p>Quantas ilusões mortas, nesta visão, quando se abrem as portas do coração.</p> <p>Frontal</p>	<p>Cacei a verdade a esmo, em um clima sempre adverso, quando é dentro de mim mesmo que palpita o Universo!</p>	<p>Um pingo de céu escorregou entre as nuvens e rolou até a terra para fazer seus olhos.</p>	<p>O homem nasce, um dia, e continua renascendo indefinidamente, mesmo antes de morrer.</p>	<p>E o nosso tempo assim passa, e o nosso tempo assim voa, e nossa humilde carcaça faz água de popa à proa...</p> <p>Manoel F. Menendez</p>
---	--	---	--	---	---